



ENTRE A FICÇÃO E A CLÍNICA: DECIFRANDO A TRANSFERÊNCIA DO AMOR AO SUPOSTO SABER EM *IN TREATMENT*

ENTRE LA FICCIÓN Y LA CLÍNICA: DESCIFRANDO A TRANSFERÊNCIA DO
AMOR AO SUPUESTO SABER EN *IN TREATMENT*

BETWEEN FICTION AND CLINIC: DECIPHERING THE TRANSFER OF LOVE
TO THE SUPPOSED SABER IN *IN TREATMENT*

Elizabeth Fátima Teodoro¹
Mardem Leandro Silva²
Daniela Paula do Couto³

RESUMO: O estudo aqui apresentado consiste em um dos produtos oriundos da pesquisa *A arte imita a vida: articulações entre Psicanálise e cinema*, financiado pela FAPEMIG, que investigou a utilização de produções cinematográficas como ferramentas pedagógicas no ensino de conceitos psicanalíticos. Neste texto, focou-se especificamente no conceito de transferência. Utilizando a série norte-americana *In Treatment*, que narra o cotidiano do psicólogo Paul Weston, selecionou-se as vinhetas das sessões psicoterapêuticas com Laura Colina, uma anestesista com uma fixação erótica por Paul, para explorar o tema. O objetivo era demonstrar a transferência em ação, utilizando um recorte específico dessas personagens para demonstrar a dinâmica transferencial. Empregando uma abordagem metodológica que combinava investigação teórica, método clínico e análise fílmica psicanalítica, o estudo partiu de uma hipótese diagnóstica: Paul é um neurótico obsessivo, e Laura, uma histérica. Essa configuração exigiu examinar a relação analítica centrada no amor transferencial, no qual a paciente projetou deliberadamente impasses com objetos amorosos no analista, por meio da atualização inconsciente. Apesar da natureza fictícia da série, as dinâmicas apresentadas refletem de perto as questões de desejo apresentadas no cenário analítico real. Os resultados destacaram a importância da compreensão do conceito de transferência no contexto clínico, enfatizando sua relevância no ensino e na transmissão da psicanálise em ambientes acadêmicos. Este estudo demonstra que, embora a ficção fílmica não substitua a análise de casos clínicos reais, ela pode fornecer um meio valioso para ilustrar e discutir conceitos complexos da psicanálise, especialmente em um ambiente educacional. A pesquisa conclui que o uso de filmes como ferramentas pedagógicas no ensino da psicanálise não é apenas viável, mas também benéfico para aprofundar a compreensão dos conceitos fundamentais da disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Transferência; Sujeito suposto saber; Setting analítico; *In Treatment*.

RESUMEN: El estudio que aquí se presenta constituye uno de los productos surgidos de la investigación *El arte imita la vida: articulaciones entre psicoanálisis y cine*, financiada por la FAPEMIG, que investigó el uso de producciones cinematográficas como herramientas pedagógicas en la enseñanza de conceptos psicoanalíticos. En este texto, nos centramos específicamente en el concepto de transferencia. A partir de la serie norteamericana *In Treatment*, que narra la vida cotidiana del psicólogo Paul Weston, se seleccionaron viñetas de sesiones psicoterapêuticas con Laura Colina, una anestesista con una fijación erótica por Paul, para explorar el tema. El objetivo era demostrar la transferencia en acción, utilizando un corte específico de estos personajes para demostrar la dinámica de la transferencia. Empleando un enfoque metodológico que combinó la investigación teórica, el mé-

¹ Psicóloga graduada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Divinópolis); Pós-graduada em Gestão em Saúde Mental pela Universidade Cândido Mendes; Mestre e doutoranda em psicologia, na linha de pesquisa Fundamentos teóricos e filosóficos da Psicologia, pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ (Minas Gerais, Brasil). elektraliz@yahoo.com.br

² Doutor em Psicologia pela UFMG (Minas Gerais, Brasil); Pesquisador e coordenador do LaPSICC - Laboratório de Psicologia: Clínica, Ciência e Cultura; Professor e Chefe do Departamento de Ciências Sociais e Humanidades da UEMG - Cláudio (Minas Gerais, Brasil) e professor no Centro Universitário de Formiga/MG - Unifor-MG (Minas Gerais, Brasil). mardemls@yahoo.com.br

³ Psicóloga graduada pela PUC Minas (Minas Gerais, Brasil). Mestre em Psicologia pela UFSJ (Minas Gerais, Brasil). Doutora em Psicologia UFMG. Professora do curso de Psicologia da PUC Minas (Minas Gerais, Brasil). dp.couto@yahoo.com.br

todo clínico y el análisis cinematográfico psicoanalítico, el estudio partió de una hipótesis diagnóstica: Paul es un neurótico obsesivo y Laura, una mujer histórica. Esta configuración requería examinar la relación analítica centrada en el amor de transferencia, en la que el paciente proyectaba deliberadamente impases con objetos de amor sobre el analista, a través de una actualización inconsciente. A pesar de la naturaleza ficticia de la serie, la dinámica presentada refleja fielmente las cuestiones del deseo presentadas en el escenario analítico real. Los resultados resaltaron la importancia de comprender el concepto de transferencia en el contexto clínico, destacando su relevancia en la enseñanza y transmisión del psicoanálisis en ambientes académicos. Este estudio demuestra que, aunque la ficción cinematográfica no reemplaza el análisis de casos clínicos reales, puede proporcionar un medio valioso para ilustrar y discutir conceptos complejos del psicoanálisis, especialmente en un entorno educativo. La investigación concluye que el uso de películas como herramientas pedagógicas en la enseñanza del psicoanálisis no sólo es viable, sino también beneficioso para profundizar la comprensión de los conceptos fundamentales de la disciplina.

PALABRAS CLAVE: Transferencia; Sujeto que se supone que sabe; Entorno Analítico; En tratamiento.

ABSTRACT: The study presented here consists of one of the products arising from the research *Art imitates life: articulations between Psychoanalysis and cinema*, financed by FAPEMIG, which investigated the use of cinematographic productions as pedagogical tools in teaching psychoanalytic concepts. In this text, we specifically focused on the concept of transference. Using the North American series *In Treatment*, which narrates the daily life of psychologist Paul Weston, vignettes from psychotherapeutic sessions with Laura Colina, an anesthetist with an erotic fixation on Paul, were selected to explore the theme. The objective was to demonstrate transference in action, using a specific cut of these characters to demonstrate the transference dynamics. Employing a methodological approach that combined theoretical investigation, clinical method and psychoanalytic film analysis, the study started from a diagnostic hypothesis: Paul is an obsessive neurotic, and Laura, a historical woman. This configuration required examining the analytic relationship centered on transference love, in which the patient deliberately projected impasses with love objects onto the analyst, through unconscious updating. Despite the fictional nature of the series, the dynamics presented closely reflect the issues of desire presented in the real analytical scenario. The results highlighted the importance of understanding the concept of transference in the clinical context, emphasizing its relevance in the teaching and transmission of psychoanalysis in academic environments. This study demonstrates that, although film fiction does not replace the analysis of real clinical cases, it can provide a valuable means of illustrating and discussing complex concepts of psychoanalysis, especially in an educational environment. The research concludes that the use of films as pedagogical tools in teaching psychoanalysis is not only viable, but also beneficial for deepening the understanding of the fundamental concepts of the discipline.

KEYWORDS: Transfer; Subject supposed to know; Analytical Setting; In Treatment.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo emerge do fascínio em explorar novas vias para enriquecer o ensino e a transmissão de psicanálise, especialmente na graduação em Psicologia, trata-se, pois, de um dos frutos da pesquisa intitulada *A arte imita a vida: articulações entre psicanálise e cinema*. Nesse sentido, esta investigação é uma ponte entre o mundo do inconsciente teorizado pela psicanálise e a vivacidade do cinema, dois campos aparentemente distintos, mas unidos por um apelo popular inegável e uma capacidade única de moldar e refletir a subjetividade humana, conforme observado por Lemos (2014).

Dentro do panorama contemporâneo, ao mergulhar nos estudos psicanalíticos, podemos descobrir, no uso de recursos cinematográficos, uma ferramenta potente no campo acadêmico, visto que esses recursos não são meros adornos visuais, mas sim uma forma dinâmica de transformar teorias abstratas em narrativas visuais e sonoras cativantes. Assim, a teoria escrita se transmuta em uma linguagem de imagens em movimento, permitindo-nos “escutar”

a realidade subjacente da subjetividade humana através da tela, como destacado por Oliveira (2017). Essa “escuta visual” é crucial, pois, como afirmou Lacan (1955-1956/1988, p. 139), “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem”. O inconsciente, portanto, não é apenas uma entidade abstrata, mas uma linguagem viva e pulsante, revelada através de discursos e narrativas. Esses elementos são matérias-primas para a formulação de hipóteses diagnósticas em psicanálise.

Pode-se atribuir à conexão entre cinema e psicanálise uma característica ainda mais profunda, segundo Pereira (2015), o cinema assume um papel que remonta ao da tragédia grega no século V, uma espécie de espelho da psique contemporânea, capturando e refletindo imagens psicológicas da atualidade tal como as obras de Ésquilo e Sófocles feitas em Atenas. Há também um paralelo notável com a cultura artística e literária do final do século XIX, período em que Sigmund Freud se apoiou em obras artísticas como meio alternativo para a elaboração de seus conceitos, destacando essas criações na busca de soluções que vão além da mera reprodução dos dados coletados (LEMOS, 2014). Desse modo, este artigo se propõe a ser mais do que uma análise; é uma viagem através do tempo e da mente, conectando os mundos aparentemente distantes da psicanálise e do cinema, e revelando a riqueza que essa intersecção oferece tanto para o aprendizado acadêmico quanto para a compreensão mais profunda da experiência humana.

Por esse viés, a utilização do cinema como recurso pedagógico no campo da psicanálise, possibilita-nos o empregar como um “material clínico” alternativo. Essa abordagem permite não apenas a elaboração conceitual, mas também o aprimoramento da habilidade de escuta, elemento fundamental na prática. Através do processo de desmontagem e montagem cinematográfica – que inclui a seleção e análise de cenas e narrativas, bem como o isolamento e integração de fragmentos essenciais – consegue-se desvelar e reconstruir novos significados, conforme proposto por Dunker e Rodrigues (2014). É importante ressaltar que, embora um filme não constitua uma análise clínica no sentido tradicional, por não ocorrer dentro do *setting* analítico, ele oferece um terreno fértil para investigações psicanalíticas. As narrativas e dinâmicas apresentadas em produções cinematográficas refletem questões psicológicas e emocionais profundas, proporcionando um campo de estudo rico para a compreensão de especificidades psicanalíticas.

Nesse contexto, o foco da nossa pesquisa recai sobre a análise da série inglesa *In Treatment*, dirigida por Rodrigo García e transmitida pela HBO norte-americana de 2008 a 2010. A série, com sua representação detalhada das complexidades da relação terapêutica, serve como um modelo ideal para investigar como as dinâmicas de transferência se manifestam e

influenciam o tratamento psicanalítico. Desse modo, nosso objetivo é extrair, da interação analítica entre o psicólogo Paul Weston (Gabriel Byrne) e a paciente Laura Hill (Melissa George) retratada na série, *insights* significativos sobre o conceito de transferência e sua relevância no processo psicoterapêutico. Partindo da hipótese diagnóstica de que ambos são neuróticos, enquanto Laura encena “a bela histérica”, Paul se mostra “o grande obsessivo” e como esclarece Maurano (2006, p. 25), “[...] neles, a transferência está à flor da pele, prestes a desencadear-se”.

A escolha do conceito de transferência como objeto central desta pesquisa científica é fundamentada em sua relevância e profundidade dentro do campo da psicanálise e sua aplicabilidade em diversos contextos psicoterapêuticos e psicossociais. A transferência, conceito originalmente desenvolvido por Freud e posteriormente expandido por outros teóricos, como Lacan, organiza as dinâmicas relacionais, nas quais desejos e expectativas de uma pessoa são deliberadamente direcionados e aplicados a outra pessoa, frequentemente em um contexto terapêutico.

Esta pesquisa visa explorar a complexidade da transferência, considerando sua importância na compreensão dos processos psicoterapêuticos e na relação psicólogo-paciente. A transferência é uma característica central na terapia psicanalítica, ocorrendo tanto como um obstáculo quanto como uma ferramenta útil no processo de tratamento. Seu estudo profundo pode oferecer *insights* importantes sobre a dinâmica da relação analítica, os mecanismos de resistência, a reativação de conflitos passados e o papel do inconsciente na formação de padrões relacionais. Além disso, a transferência não se limita ao contexto clínico, estendendo-se às várias esferas da vida cotidiana, como nas relações interpessoais, no ambiente de trabalho e nas dinâmicas sociais e culturais. Investigar este conceito pode, portanto, contribuir para uma compreensão mais ampla dos comportamentos humanos e das relações interpessoais em diversos contextos.

Outro aspecto relevante é a potencial aplicabilidade prática dos resultados desta pesquisa. Compreender melhor a transferência pode aprimorar as abordagens psicoterapêuticas, auxiliando profissionais de saúde mental a refletir e gerenciar a transferência de maneira mais eficaz, melhorando assim os resultados do tratamento. Em suma, a escolha deste conceito para pesquisa se justifica pela sua centralidade na teoria e prática psicanalíticas, seu impacto significativo além do consultório psicanalítico e a contribuição potencial que o aprofundamento de seu estudo pode oferecer à compreensão de teóricas psicológicas complexas e à prática clínica.

Por outro lado, a série inglesa *In Treatment* foi escolhida por se tratar de uma trama tecida em torno de sessões psicoterápicas conduzidas pelo protagonista, o psicólogo Paul Weston. Cada episódio representa um dia da semana específico no qual Paul se depara com diferentes desafios e dinâmicas psicológicas apresentadas por seus pacientes, que os visitam semanalmente. Essa estrutura permite ao espectador mergulhar profundamente em cada caso terapêutico, explorando uma vasta gama de questões psicológicas e emocionais, ao oferecer um olhar íntimo e crível sobre a prática clínica. Os pacientes de Paul são personagens ricamente desenvolvidos, cada um trazendo suas próprias histórias, traumas e dilemas. Através de suas interações com o psicólogo, a série aborda uma variedade de temas psicológicos e sociais, desde relações familiares e amorosas até questões de identidade e trauma. A série consegue capturar a essência da experiência humana, tornando cada episódio uma jornada emocional para o espectador.

Além das sessões com seus pacientes, *In Treatment* também explora a vida pessoal de Paul, revelando suas próprias lutas e desafios psicológicos. Essa dualidade de papéis – como psicólogo e como indivíduo lidando com questões pessoais – adiciona uma camada de profundidade e complexidade ao personagem e à série como um todo. Trata-se, portanto, de uma série envolvente e perspicaz, que não apenas entretém, mas também oferece *insights* importantes sobre a psicoterapia e a condição humana. Com sua abordagem única e narrativa poderosa, a série se localiza como um marco na representação da psicoterapia na mídia e continua a ser uma fonte rica de material para discussões e análises no campo da psicanálise e além.

Assim, lançamos mão de uma investigação teórica psicanalítica, com base no método clínico psicanalítico (MILLER, 1997) e na análise fílmica (PENAFRIA, 2009) como recursos metodológicos, pois possibilitam operar extrações significantes de filmes e séries para destacar a montagem que torna operante o ato de escuta no *setting* analítico. O método clínico psicanalítico enfatiza a análise qualitativa dos dados, envolvendo uma interpretação profunda dos discursos, comportamentos e experiências relatadas, buscando compreender os processos inconscientes subjacentes. A análise é frequentemente realizada através de uma lente teórica específica, no caso desta investigação, a teoria freudiana e lacaniana.

Entretanto, Miller (1997) evidencia que a pesquisa psicanalítica não apresenta um método padrão, mas princípios norteadores para o estudo, sendo esses clínicos, por definição. Em outras palavras, trata-se de uma metodologia que torna a pesquisa análoga à escuta clínica, operando reduções metodológicas capazes de localizar em produções cinematográficas, como filmes e séries, um sujeito, uma cena significativa capaz de fornecer mais que uma ilustração dos conceitos psicanalíticos. Isso porque ao escutar o sujeito, o analista está às voltas

com o processo de edição, filmagem, montagem das diferentes narrativas que estão ali dispostas e que se assemelham às cenas cinematográficas (PALMER, 2015).

Nessa perspectiva, a relevância deste estudo consiste na aposta de que o cinema ocupa um lugar privilegiado no imaginário social e essa condição não passa despercebida aos estudantes de psicanálise e psicologia. Sendo tema constante em aulas e dinâmicas de apresentação de seminários. Do ponto de vista da formação conceitual no contexto psicanalítico, a articulação com o cinema pode colaborar para tornar a dinâmica conceitual mais próxima do cenário cotidiano da clínica em função do drama e dos recursos visuais. Parte da abstração necessária à formalização do conceito pode se articular ao conteúdo das vivências das personagens. Além de conferir recurso de crítica cultural referentes a temas atuais. Nesse sentido, nossa proposta se configura como uma investigação contemporânea e de grande relevância para a cultura, a clínica e a teoria psicanalítica.

2 DA PRÁTICA À TEORIA: EVOLUÇÃO DA TRANSFERÊNCIA COMO CONCEITO FUNDAMENTAL NA PSICANÁLISE

No âmbito deste artigo, é fundamental destacar a dimensão clínica do conceito de transferência, um fenômeno primeiramente identificado por Freud através das complexidades que surgiram em seu trabalho analítico e em sua observação do encerramento precoce do tratamento de Anna O. (Bertha Pappenheim) pelo renomado médico austríaco, Joseph Breuer. O embaraço afetivo da paciente por Breuer levou Freud a teorizar sobre um método terapêutico que tinha como condição preliminar um “processo [no qual] os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos [passavam] a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 766-767). Essa percepção leva à compreensão de que a transferência constitui um conceito intrinsecamente clínico dentro da psicanálise. Dentre os vários conceitos que formam a estrutura da clínica psicanalítica, a transferência emerge como um dos mais significativos.

Segundo Maurano (2006), a transferência é considerada um elemento distintivo que separa a psicanálise de outros métodos psicoterapêuticos, sendo fundamental na definição e na prática da psicanálise. Para a autora, a transferência é ainda vista como uma experiência viva e indispensável para a transmissão e perpetuação da psicanálise. Sua vivência e análise são cruciais não só para o processo terapêutico, mas também para a formação e o desenvolvimento de psicanalistas.

Nesse contexto, Lacan (1964/2008), n' *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, reafirma a importância da transferência, consagrando-a como um dos pilares da psicanálise. O autor enfatiza que a transferência não é apenas um fenômeno a ser gerenciado ou um obstáculo a ser superado no processo terapêutico. Pelo contrário, é uma ferramenta analítica poderosa e um veículo através do qual o inconsciente do paciente pode ser acessado e compreendido. A transferência, assim, desempenha um papel vital na eficácia do tratamento psicanalítico, facilitando a revelação de *insights* e a resolução de conflitos internos.

Übertragung, termo alemão que designa transferência, significa “transmissão, contágio, tradução, versão, e até audição” (MAURANO, 2006, p. 15). Porém, aos cuidados de Freud, ele assumirá um sentido psicanalítico de “laço afetivo intenso, que se instaura de forma quase automática e independente da realidade, na relação com o médico, revelando o pivô em torno do qual gira a organização subjetiva do paciente” (p. 16). Laço esse que articula, conecta o paciente ao analista. Nesse sentido, a transferência pode ser pensada enquanto dobradiça que conecta elementos díspares, dentre eles, o paciente com o analista.

No panorama da psicanálise, a conceituação de transferência ocupa um lugar central, tendo suas raízes na obra seminal de Freud. O termo transferência é mencionado pela primeira vez em *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), escrito em colaboração com Josef Breuer. Esse texto é notável por introduzir a transferência através do caso de Anna O, no qual Freud e Breuer observam que a paciente “se assusta ao verificar que está transferindo para a figura do médico as representações aflitivas que emergem do conteúdo da análise” (BREUER; FREUD, 1893-1895/1996, p. 313). Essa observação inicial desencadeia uma série de *insights* fundamentais para o desenvolvimento da psicanálise.

A partir desse ponto, Freud avança na compreensão do fenômeno da transferência, especialmente ao transitar da hipnose para a técnica da associação livre. Ele começa a identificar o papel crucial das resistências e defesas como mecanismos psíquicos que impedem que certas representações aflitivas alcancem a consciência. Essa compreensão marca o início da percepção da transferência não apenas como um fenômeno psicológico, mas como uma atualização de conflitos inconscientes e uma forma de resistência ao tratamento psicoterápico.

A complexidade da transferência é ainda mais evidenciada no conceito de “falsa ligação”, descrito por Breuer e Freud (1893-1895/1996). Esse conceito é exemplificado de forma contemporânea no primeiro episódio da série *In Treatment*. A personagem Laura, após descrever sua relação problemática com o companheiro, revela estar apaixonada por Paul, seu psicólogo. Essa declaração não só expressa os conflitos internos de Laura, mas também serve

como um exemplo vivo da transferência em ação, na qual a falsa ligação é manifestada e se torna um componente latente em sua dinâmica conjugal.

Podemos conjecturar que se trata de uma falsa ligação porque, como pontua Freud (1915[1914]/1996), não se trata de um sentimento direcionado à pessoa do analista. Visto que “[...] o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa; de maneira que não tem nenhum motivo para orgulhar-se de tal ‘conquista’, como seria chamada fora da análise” (p. 178, grifo do autor).

Em *A interpretação dos sonhos* (1900), em algumas ocasiões, o termo aparece no plural, possivelmente, porque é usado para indicar os deslocamentos próprios do desejo no inconsciente. Nas palavras de Freud (1900/1996, p. 216, grifos do autor), “as primeiras lembranças da infância [que] ‘não se conseguiam mais como tais’, [...] eram substituídas, na análise, por ‘transferências’ e sonhos”. Isso porque as forças da resistência obrigam o inconsciente a eleger substitutos das representações de desejos infantis. Assim, no analista

[...] encontra-se coagulado àquilo que o sujeito espera do Outro a quem ele se dirige. Isso aparece por uma experiência na qual o sujeito comparece de forma mais próxima da verdade de seu desejo, revelando sua forma de lidar com ele, o que mostra que o inconsciente não é um reservatório do passado, mas algo que se atualiza no presente (MAURANO, 2006, p. 16).

Até esse momento, como esclarece Miller (1997), tratava-se de transferência de sentimento, em que havia o deslocamento do desejo inconsciente para outros objetos destituídos de significação. Esse posicionamento parece descrever o funcionamento básico do inconsciente, uma vez que constitui toda “[...] a organização dos investimentos psíquicos do paciente” (MAURANO, 2006, p. 17).

Entretanto, é a partir do caso Dora que Freud (1905[1901]/1996) percebe esse fenômeno como essencial no processo terapêutico e o define como:

[...] reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico [...]. Quando se penetra na teoria da técnica analítica, chega-se à concepção de que a transferência é uma exigência indispensável (FREUD, 1905[1901]/1996, p. 111, grifo do autor).

É nesse contexto que Freud (1905[1901]/1996) percebe que Dora interrompe o tratamento por causa dos sentimentos amorosos dirigidos inconscientemente a ele. Dessa forma, ele define a transferência como uma forma de deslocamento de desejos, sentimentos ou fantasias para o analista, que não pode ser evitado.

Na exposição do caso do “Homem dos Ratos”, Freud (1909/1996) exemplifica como o paciente fez um deslocamento transferencial para a sua pessoa. O paciente contou a Freud sobre um castigo que tinha ouvido de um capitão que “gostava de crueldade”: um criminoso era amarrado e um vaso cheio de ratos era virado sobre suas nádegas. Freud, então, explicou ao paciente como sua história era obscura e assim, ao final da “[...] segunda sessão, o paciente se comportou como se estivesse ofuscado e desnortado. Repetidamente se dirigia a mim [a Freud] como ‘Capitão’” (FREUD, 1909/1996, p. 152).

Já no context da elaboração do caso Schreber, Freud (1911/1996, p. 56) diz que “o sentimento amistoso do paciente para com o médico bem se pode ter devido a um processo de ‘transferência’ [...]; o paciente lembrou-se de seu irmão ou de seu pai ante a figura do médico; redescobriu-os nele [...]”. O criador da psicanálise destaca o termo transferência com aspas. Pode-se pensar que o motivo dessas aspas se deve ao fato de que ele considerava que um paciente psicótico não estabelecia transferência para com o médico.

Mais adiante, o texto *A dinâmica da transferência* (1912), é o primeiro artigo em que Freud (1912/1996) se dedica a explicar o que é a transferência e como ela opera na análise, ressaltando que os sentimentos presentes no inconsciente do paciente passam a se manifestar na relação recalçada com a imago que pode ser da mãe ou do pai. Nesse artigo, o psicanalista vienense também esclarece que há dois “tipos” de transferência: a transferência positiva que é constituída por sentimentos como ternura e amor e a transferência negativa, manifestação de sentimentos de hostilidade e de agressão. Freud constata que o fenômeno da transferência se dá no momento em que conteúdos recalçados estão prestes a serem revelados. Assim, a transferência surge como uma fórmula de resistência ao conflito inconsciente e não pode ser controlada, pois é por essa via que o analista pode entender os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente.

Percebemos que, nesse momento, a noção de Freud (1912/1996) sobre a transferência se torna mais madura. De modo que ele passa a utilizar o conceito para dizer de uma forma específica de laço afetivo que o sujeito estabelece com o outro ao colocá-lo no lugar de um objeto imaginário determinado pelo seu desejo. Sendo assim, o termo passa a abranger outros contextos que não o clínico, uma vez que designa uma forma de investimento afetivo nas relações.

Nesse sentido, podemos afirmar que as dinâmicas sentimentais que se colocam em jogo na transferência existe de antemão somente aguardando uma oportunidade para se dirigir a outrem. Freud (1912/1996) esclarece essa questão ao evidenciar que há uma junção da disposição inata com os acidentes da história individual do sujeito que o faz construir uma forma

específica e singular de transitar por sua vida afetiva. O autor chama essa construção de “clichê estereotípico”, ou seja, uma marca registrada que será constantemente repetida no decorrer de sua vida, sem que exista consciência dessa reedição de padrões de relacionamento. Assim, Maurano (2006, p. 20) explicita que:

Trata-se [...] de fazer uma revisão do processo de recalçamento. A mera lembrança é pouco importante, o fundamental não é a memória, mas a experiência da relação com o analista, na transferência. Só assim versões novas do velho conflito são criadas, possibilitando novas soluções.

Entretanto, para que novas respostas sejam criadas, torna-se fundamental o manejo transferencial, ou seja, o modo como o analista irá conduzir o enamoramento do analisando pelo próprio analista. Isso porque somente quando o analisando estabelece a relação transferencial com o analista é que ele consentirá em todas as suas condições para amar, fazendo emergir fantasias e desejos sexuais típicos de seu modo de amar que foram recalçados (FREUD, 1915[1914]/1996).

Nesse contexto, o analisando conseguirá trilhar o (des)caminho que leva às origens de seu amor que é sempre infantil como propõe Freud (1905/1996), no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nosso amor é constituído desses (des)caminhos que, de algum modo, construímos na infância por meio de nossas relações familiares e, por não serem facilmente aceitáveis por nossa consciência, recalamos. Essa trama foi apresentada por Freud (1909[1908]/1996), em seu artigo *Romances familiares*, e pode ser percebida nos relatos de Laura sobre suas escolhas amorosas e os frequentes desencontros do desejo.

Além disso, se na transferência acontece a repetição da forma como o sujeito desenvolve seus laços afetivos, podemos dizer que a cena analítica é o palco privilegiado de manifestações dos conflitos intrapsíquicos oriundos do romance familiar do paciente. Assim, a relação transferencial entre Paul e Laura evidencia como ela escolhe seus parceiros amorosos, colocando-os como mais um na sua série de escolhas amorosas, como veremos a seguir.

3 LAURA E PAUL: O AMOR TRANSFERENCIAL (EN)CENA

Sabe-se que Paul é um psicólogo PhD pela *New School* que se mudou para *Maryland*, em 1988, para trabalhar no Instituto Psicanalítico Washington-Baltimore e, posteriormente, estabeleceu sua clínica particular em Baltimore. A série retrata um profissional perturbado que tenta não misturar sua vida pessoal com a profissional, porém, essa tentativa, em inúmeras

ras ocasiões, mostra-se fracassada. Isso porque ele está passando por uma terrível crise no casamento e, conseqüentemente, na relação com seus três filhos.

Laura, por sua vez, uma anestesista de 30 anos que iniciou a psicoterapia há um ano, com a queixa inicial centrada nas hesitações acerca de um possível casamento com seu namorado, Andrew. Dúvida que refletia os conflitos internos decorrentes de suas escolhas amorosas e sua constante insatisfação. Prestes a se casar, ela se declara apaixonada por Paul, em uma clássica ilustração de uma transferência erótica (GARCÍA, 2008). Tal fato não seria problema se ele não se deixasse capturar nessa teia bem orquestrada de uma verdadeira histórica, o que termina por impedi-lo de realizar um manejo adequado da transferência da paciente.

É nesse contexto que evidenciamos que a transferência erótica de Laura por Paul se apresenta desde a primeira sessão da série, na qual a jovem médica conta que na noite anterior, após uma briga com seu namorado devido à pressão para se casar, saiu com uma amiga e teve um encontro sexual com um estranho em um bar. Relata minuciosamente os detalhes, mantendo contato visual com Paul e dizendo que durante o ato ficava pensando como ele reagiria ao saber do ocorrido. Diante das intervenções do psicólogo, fica evidente que foi Laura quem iniciou a conversa sobre o casamento com o namorado, assim como escolheu aquele momento para o encontro sexual no bar, por estar apaixonada por Paul. Sua declaração exige reciprocidade, porém não a encontra inteiramente, pois Paul diz que a relação deles naquele espaço não permitia.

Essa aposta hipotética de que se trata de uma relação transferencial estabelecida é oriunda da informação inicial de que Laura se encontra em análise há um ano, nesse sentido, sua declaração amorosa pode ser indício de uma resistência. Freud (1915[1914]/1996, p. 219) assinala que “[...] os primeiros sintomas ou ações fortuitas do paciente, tal como sua primeira resistência, podem possuir interesse especial e revelar um complexo que dirige sua neurose”. Geralmente, tais comportamentos se precipitam quando o paciente é levado a “[...] admitir ou recordar algum fragmento particularmente aflitivo e profundamente reprimido da história da sua vida” (TRINDADE; DIAMANTINO, 2013, p. 51). E, na ocasião do primeiro episódio, Paul estava orientando Laura a enfrentar algumas recordações de sua vida amorosa, sua resistência desencadeia uma série de atos por parte de Laura que o psicólogo interpreta como uma mensagem, pois “quanto maior a resistência, mais extensivamente o *acting out* substituirá o recordar” (p. 53).

Nesse ponto, a paciente interpretou a resposta de Paul não como uma negativa, mas como um convite para investir mais na sedução. O que a leva a aceitar o pedido de casamento de Andrew na noite anterior à sessão de psicoterapia seguinte. Nessa ocasião, a médica tenta

provocá-lo perguntando se ele está feliz por ela e o convidando para o casamento. Posteriormente, relata brevemente uma visita que fez com Andrew à ex-namorada dele, Natalie, que agora está casada e é mãe. Durante a narrativa, sua repulsa pela ideia de casamento fica evidente em metáforas utilizadas por ela, como a de uma prisão em que as mulheres são “domesticadas”. Ainda assim, ela aceitou se casar com Andrew. Paul busca entender o motivo por trás dessa decisão, e Laura confessa que ela disse “sim” ao noivo porque Paul disse “não” a ela. No diálogo que se segue, o analista encontra uma oportunidade para explorar a raiz do complexo emocional que desencadeou a intensa transferência de Laura.

Quando sua mãe faleceu, a jovem tinha quinze anos, ela passou um verão na Califórnia com um casal sem filhos, David e Célia. Esse período foi significativo para ela, pois permitiu que seu pai se afastasse, a quem ela associava uma influência negativa que chamava de “fumaça tóxica”. Laura desenvolveu uma atração por David e ficou desapontada quando a família deixou claro que não poderia adotá-la, embora quisessem uma filha como ela. Paul aponta que sua paciente está revivendo essa experiência do passado, na qual David representava uma alternativa segura em contraste com seu pai, assim como Paul em relação a Andrew. Laura, então responde que não havia semelhança, pois não queria ser adotada por ele, mas sim que ele dormisse com ela. O psicólogo diz novamente não ter esse tipo de interesse por ela.

Na sessão seguinte, Laura aparece nervosa e explosiva a qualquer fala de Paul. Mediante a dificuldade de lidar com a intensa transferência amorosa da paciente, ele sugere que avaliem se a terapia está beneficiando a médica, especialmente porque ela se recusa a ser tratada como uma paciente e exige que ele a trate como alguém por quem está apaixonado. Em resposta, Laura questiona a competência dele como psicólogo para lidar com o amor de uma paciente.

O episódio seguinte Laura narra com riqueza de detalhes seu encontro com Alex, outro paciente de Paul, que ela conheceu por acaso ao fim da última sessão. Provoca o psicólogo, dizendo que Alex vai buscá-la depois da sessão e que terminou definitivamente com Andrew, por ele ser “um ótimo homem, que irá encontrar alguém que o mereça”, mas, ao mínimo comentário de Paul sobre os sentimentos do seu ex, Laura se irrita, acusando Paul de não cuidar dela e de expulsá-la da análise. Ele explica a ela, então, que não encarava como coincidência o fato de Laura ter dormido com um dos seus pacientes, assim como não fora coincidência a forma que escolheu para contar que estava apaixonada por ele: dormindo com outro homem. Ela muda de assunto e fala sobre uma lembrança que teve da mãe naquela noite: seu processo de doença e a solidão relacionada à perda. Mas se nega a interpretar o porquê de ter se recordado disso. Em dado momento, diz que odeia a si mesma e está cansada de sentir-se assim.

Embora Paul tente abordar o tema – que nunca fora trazido à análise por Laura – ela se esquivava devolvendo as perguntas, tentando analisá-lo e usando, de forma leiga, a teoria a fim de desautorizar o conhecimento do psicólogo.

Durante essa sessão, a contratransferência de Paul se torna evidente tanto quando ele se incomoda com a narrativa de Laura sobre seu encontro sexual com Alex, o qual ele imagina detalhadamente, quanto ao se aproximar da janela após a sessão para observar o encontro de seus pacientes. Laura percebe que Paul está olhando, isso a faz olhar com um olhar de satisfação para o psicólogo, era a certeza que precisava para acreditar que sua sedução tinha sido bem sucedida.

Na sessão posterior, Paul tenta abordar o fim da análise de Laura novamente, dizendo que deveria ser feito de forma gradativa. Laura, de forma explosiva, decide que aquela seria sua última sessão. Ao falar sobre sua semana, ela conta sobre uma situação de emergência com uma menina de quinze anos – idade que a médica tinha quando sua mãe morreu. A paciente de Laura ficara sem respirar por alguns minutos e, embora a situação tenha sido contornada, ela se culpa pelo ocorrido. Percebendo a identificação com a menina, Paul pergunta quem era responsável por ela na ocasião em que sua mãe morreu – situação que Laura descrevera como uma “espécie de morte para ela também”. Laura fala do trauma da morte da mãe. Discorre sobre os *flashes* de memória que lhe ocorrem, e as fantasias sobre o desaparecimento do seu pai que costumava ter. Descreve sua vida com o pai extremamente dependente como “sufocante” – sem ar, como a paciente de Laura – ela não queria continuar a viver daquela maneira. Foi quando surgiu a oportunidade de ir para a Califórnia, passar o verão com David e Celia.

Laura conta que quando ficou hospedada na casa de David o seduzira, como em *Lolita*. Ela romantiza essa relação, definindo-a como “adorável”. Envolto na relação transferencial com a paciente, Paul fica sensibilizado com a história, também nunca trazida antes, mas, ao tentar abordar o assunto com Laura de uma perspectiva analítica, ela minimiza a situação, apelando para a transferência amorosa: anuncia a Paul que terminou seu relacionamento com Alex, buscando uma reação do analista. Laura declara, então, que o incidente com sua paciente ocorrera porque estava pensando no psicólogo, e julga que sua saída da análise terá o efeito de cessar a “influência negativa” que ela acredita que Paul tem sobre ela. Semelhante ao modo como se referia à relação que possuía com o pai.

Contudo, Laura entra em contato com Paul e retorna na semana seguinte. Seu pai está hospitalizado, e ela reclama uma sessão a fim de conversar sobre isso. Porém, Laura acaba falando do seu envolvimento com David, dessa vez sob outra perspectiva. Declara ter sido

nojento e de sua vontade de fugir da situação, mas era tarde demais, porque ele disse que ela estava pronta. Ela prosseguiu afirmando que queria que ele a pegasse e a levasse para longe daquela casa, para longe da morte que a casa passou a representar. Ela queria que ele a ajudasse a fugir do sofrimento e não que ele dormisse com ela. Paul interveio dizendo que o verdadeiro estrago que David fez, foi que ele destruiu sua habilidade de se comunicar com os homens em um sentido não sexual.

É fato que a transferência auxiliou Laura a recordar do conteúdo reprimido que a impulsiona à repetição. Contudo, o envolvimento de Paul, que chegou a se declarar para a paciente no decorrer dessa sessão, não o deixa buscar as razões pelas quais ela consegue perceber a história com David sob outro viés. Podemos conjecturar que a atitude apaixonada de Paul permite a Laura assemelhar o homem Paul com David e se ele é homem ou sujeito como David, ele não sabe do sofrimento e dos sintomas dela. Em outras palavras, ao se declarar para Laura, Paul sai da posição de psicólogo para se tornar um sujeito desejante, o que leva a paciente a retirá-lo do lugar de suposto saber, como evidenciaremos a seguir.

4 DO AMOR TRANSFERENCIAL AO SUPOSTO SABER

Para pensarmos o manejo transferencial de Paul, podemos hipotetizar que ele próprio se embarçou na teia da transferência erótica de Laura ao responder de forma ambígua à declaração amorosa da paciente na primeira sessão da série: “Laura, sou seu terapeuta. Os parâmetros e limites estão definidos e estabelecidos eticamente. Eu não estou disponível”. Ambiguidade porque Paul aponta os motivos profissionais éticos do não envolvimento, significando que entre as paredes do consultório não seria possível. Porém, fica em aberto uma possibilidade extramuro terapêutico. Possibilidade que será explorada por Laura nos episódios subsequentes. Isso porque

[...] a paciente entende essa resposta não como a colocação de um limite intransponível, de uma frustração que ela terá de elaborar, mas como um convite à destituição de Paul do lugar de terapeuta, pois a partir da destruição da relação analítica, uma relação de outra natureza poderia se estabelecer entre os dois (TIMO, 2013, p. 36-37).

Assim, quando Paul vacila na resposta, Laura interpreta que Paul cedeu à sua sedução. Ao ceder à sedução histórica na literalidade, ele sai da posição de analista e aparece como sujeito. Essa situação leva a paciente a entender que em outra configuração da relação de am-

bos o relacionamento amoroso é possível, pois ele é um homem desejante, isso se expressa em seu interesse por ela.

Nesse contexto, vemos emergir dois aspectos problematizados por Freud (1912/1996) a respeito da transferência. Primeiro o vínculo, ou seja, as articulações que se constroem na cena analítica (paciente-analista) através de perguntas como: a partir de qual lugar o analista recebe seus pacientes? Em que lugar o paciente coloca o analista? Compreender esse *modus operandi* de mão dupla é fundamental para não se ver enlaçado pelo amor de transferência e para perceber o modo de funcionamento das relações afetivas do paciente. Somente por meio dessa compreensão o analista poderá conduzir a análise de forma que possibilite ao paciente construir novas respostas para lidar com seu embaraço amoroso. Essas novas respostas se entrelaçam ao segundo aspecto que diz respeito à produção. Assim, cabe perguntar: o que é produzido a cada forma de vinculação estabelecida?

Se Freud (1912/1996) pensou a transferência enquanto uma repetição afetiva, evidenciando uma perspectiva amorosa. Lacan (1964/2008), por sua vez, n' *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, separou transferência e repetição, instituindo cada qual como um conceito fundamental. Desse modo, temos que a transferência se articula à repetição, mas não é seu equivalente, uma vez que diz de um suposto saber que creditamos ao “grande Outro” e que “[...] funciona como uma referência para a nossa organização subjetiva, que é tecida pelo nosso acesso à linguagem. [Portanto], o que leva à repetição é a demanda de que o analista viabilize esse acesso ao saber” (MAURANO, 2006, p. 26-27).

Porém, anterior a isso, Lacan (1960-1961/1992) dedicou *O seminário, livro 8: a transferência* inteiro para tratar da transferência, introduzindo novas circunstâncias conceituais como *agalma*, sujeito suposto saber e desejo do analista. Para tanto, ele retoma o texto *O Banquete* de Platão para entender o amor de transferência e se detém no discurso de Agatão sobre o mito da androginia que dizia que no início dos tempos cada indivíduo era composto do feminino e masculino, portanto, era um ser inteiriço dotado de grande força e vigor. Zeus, mediante tamanha vitalidade, decidiu dividi-los para dominá-los, desde então se tornaram seres incompletos, fracos e sempre em busca de sua metade.

Com esse mito, Lacan (1960-1961/1992) traz o discurso de Sócrates sobre o desejo daquilo que não se tem, formalizando a ideia da falta como causa do desejo e do amor. Assim, Lacan apresenta o amor como sendo a crença de que encontramos, na pessoa amada, o objeto que perdemos desde sempre, objeto que buscamos a vida inteira e que, portanto, nos é precioso. Esse objeto que o sujeito acredita ter encontrado na pessoa amada é o *agalma*, palavra grega que designa um objeto precioso. Esse *agalma* se encontrava dentro dos silenos, divin-

dades campestres que personificavam a vida selvagem, natural. Bestiais em seus desejos eram representados como homens maduros com aparência extremamente grotesca, que guarda em seu interior algo precioso.

“É, portanto, a repetição do encontro com a falta, com o fracasso na realização dos desejos infantis, com o qual estamos sempre a nos deparar, o que será trabalhado na transferência” (MAURANO, 2006, p. 27-28). A autora esclarece ainda que,

A transferência é a aposta de que há que existir um saber que virá dar conta dessa falta do encontro perfeito, desse furo presente na relação do sujeito ao Outro. Esse crédito dado ao Outro traz como efeito o amor. Na transferência, temos por um lado um apelo ao saber que advém da relação com a linguagem e, por outro, um apelo ao ser, que se configura como demanda de amor (MAURANO, 2006, p. 28).

Essa falta diz de um hiato intransponível entre o sujeito e o Outro, Lacan denominou essa natureza inassimilável de objeto *a* e verificou que é por meio do contorno desse objeto que nos relacionamos com o Outro. “É nesse circuito até o Outro que buscamos colher um sentido, e se esse Outro não pode ser de todo significável, nosso sentido resta enigmático” (MAURANO, 2006, p. 30). É importante frisar que o objeto *a* vem justamente do agalma.

Pensando na clínica, Lacan (1960-1961/1992) formulou que, no início da análise, o analista assume a posição de amado dada pelo paciente, daquele que tem um saber, uma resposta para o sofrimento do sujeito. No entanto, o analista deve ficar atento para não se confundir com esse lugar de sujeito suposto saber, uma vez que somente o inconsciente sabe trilhar o caminho do amor ao desejo do sujeito. Para tanto, o psicanalista precisa estar ciente de seu desejo, desejo de analista, em outras palavras, desejo de fazer surgir o desejo do sujeito.

Assim, Lacan (1964/2008), no *Seminário, livro 11*, define a transferência como sendo a atualização da dimensão da sexualidade no inconsciente, que convocará uma dinâmica da relação com o outro estabelecida por meio do trauma, do desejo e da fantasia. Em outras palavras:

[...] a transferência é a atualização da realidade do inconsciente, tal realidade é a realidade sexual. A libido é a presença efetiva do desejo, desejo este formado da ligação entre a pulsão do inconsciente e da realidade sexual, que se explicita através da demanda. Sendo a demanda formada de significantes, há sempre um resto, algo que não pode ser representado, sempre insatisfeito, impossível, que se chama desejo, também denominado por Lacan de objeto *a* (MORAES, 2014, p. 19-20).

Essa posição de sujeito suposto saber pode ser percebida na relação de Laura e Paul, uma vez que ela, como “boa histérica”, eleva ele a condição de mestre para em seguida desautorizá-lo desse lugar. Isso fica claro em várias ocasiões em que Laura questiona a competência

de Paul em lidar com pacientes apaixonadas por ele ou quando usa de seu conhecimento leigo para encurralar o psicólogo em suas próprias palavras. Além de suas investidas que exigem uma declaração de reciprocidade amorosa que a permita retirá-lo do lugar de analista e consequentemente de suposto saber de seus sintomas. Paul, por sua vez, como neurótico obsessivo, aceita ser colocado nesse lugar de suposto saber, pois seu desejo é tamponar a falta com seu conhecimento. Desejo esse que é fracassado mediante a desautorização histórica desse saber especialmente quando se declara para sua paciente.

Frente a isso, é importante destacar que, para Lacan (1960-1961/1992), a transferência é uma forma de amor ao saber e é por essa razão que o paciente coloca o analista na posição de sujeito suposto saber de seu sintoma. O que é o inconsciente, senão um universo familiarmente estranho com o qual o sujeito se depara sempre que aceita atravessar o oceano da fantasia? É assim que Lacan (1964/2008) define a transferência como sendo a atualização da dimensão da sexualidade no inconsciente, que convocará uma dinâmica da relação com o outro estabelecida por meio do trauma, do desejo e da fantasia.

Ponderando sobre a relação de Laura e Paul, podemos verificar algo da ordem desse suposto saber. O movimento inicial de Laura é, não só, acreditar que Paul sabe o que lhe falta, mas que, principalmente, tem o que lhe falta. Nesse sentido, não é sem consequências que ela conta, na primeira sessão, como sua aventura noturna terminou em uma espera de horas na porta do consultório de Paul. Porém, se de início Laura acredita esse suposto saber a Paul, rapidamente ela assumirá uma posição inversa, desqualificando-o enquanto profissional e o destituindo do posto de suposto saber. Tudo porque Paul vacila diante da demanda de Laura que decide por esburacar seu saber. Assim, “a histórica revoga do obsessivo o título de mestre a que ele acreditava ter direito por suas façanhas” (TEIXEIRA, 2010, p. 61), fazendo emergir, posteriormente, a posição de sujeito desejante. Tal posição afetarà o transcorrer da análise, visto que nesse processo não há espaço para dois sujeitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a articulação entre psicanálise e cinema, acreditamos ter alcançado o objetivo de perceber a dinâmica da transferência e seu manejo no espaço da relação psicoterapêutica, de modo a evidenciar o conceito em movimento. Ao tomarmos as personagens Paul e Laura analisados como sujeitos e, consequentemente, aceitarmos seus dramas como realidades psíquicas, pudemos desenvolver recursos para pensar as cenas da perspectiva clínica. Ainda que

saibamos das limitações de uma produção cinematográfica em representar de modo fidedigno o que se passa em um *setting* analítico.

Assim, verificamos que o conceito de transferência foi ganhando força ao longo da obra de Freud ao ponto de Lacan (1964/2008), em sua releitura elencá-lo como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise e ao assistir os episódios referentes ao processo psicoterápico de Laura se torna evidente porque Lacan atribui a ele essa centralidade. Apesar de percebermos o quanto a transferência possui um caráter multifacetado, podemos evidenciar dois aspectos que perpassam a teoria psicanalítica e norteiam a clínica na atualidade. O primeiro aponta para a dimensão de motor da análise, condição *sine qua non* para que a análise caminhe e o segundo diz do caráter bascular da transferência, ou seja, de deslocamento (no sentido de algo que sai de um lugar e passa a ocupar um outro lugar) que orbita entre a facilitação e o impedimento/resistência, dando a ideia de movimento, de travessia. Jorge (2010, p. 13) nos aponta a psicanálise como a “clínica da fantasia”, nesse contexto, então a transferência surge como esse movimento de travessia *da e na* fantasia. Ambos aspectos são ricamente encenados no processo terapêutico de Laura que, mesmo diante da falta de manejo adequado por parte de Paul, consegue avançar com relação aos próprios conflitos internos e às repetições amorosas.

Por fim, a partir desse breve exposto, pudemos constatar que o analista, na transferência, assume um lugar de investimento, em que o paciente leva para a relação seus impasses com os objetos amorosos, o valor que tais objetos têm ou não diante do outro, a busca de reconhecimento constante que eles podem ter ao longo da vida, ou seja, a transferência atualiza o inconsciente. Nesse contexto, muitos psicanalistas consideraram o roteiro ofensivo por abordar um psicólogo que é, antes de tudo, humano e que se rende aos investimentos sedutores da paciente. Porém, o próprio Freud (1915[1914]/1996) não se furtou em discutir sobre os desafios que esse processo transferencial impõe ao analista, mesmo que ele tente se blindar de tais investidas amorosas em função de uma análise pessoal consistente, formação teórica permanente e supervisão.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à FAPEMIG pelo financiamento da pesquisa “A arte imita a vida: articulações entre Psicanálise e cinema”, da qual se originou o presente artigo.

REFERÊNCIAS

- BREUER, J.; FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2, p. 13-339.
- DUNKER, C.; RODRIGUEZ, A. L. Montagem e interpretação: direção da cura. In: DUNKER, C.; RODRIGUEZ, A. L. **Coleção cinema e psicanálise**. São Paulo: Nversos, 2014. v. 4, p. 11-37.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 109-119.
- FREUD, S. Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905[1901]). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7, p. 13-116.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 4 e 5.
- FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides) (1911). In: FREUD, S. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 13-89.
- FREUD, S. Notas sobre um caso de Neurose Obsessiva (1909). In: S. FREUD. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 10, p. 135-273.
- FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (1915[1914]). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 175-190.
- FREUD, S. Romances familiares (1909[1908]). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9, p. 215-222.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 7, p. 117-231.
- GARCÍA, R. **In Treatment: 1ª temporada** [vídeo-série]. Estados Unidos: HBO, 2008.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan - Vol. 2: A clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LACAN, J. **O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

- LACAN, J. **O seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LEMOS, M. F. **Psicanálise e Cinema: em busca de uma aproximação**. 2014. 158 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás Goiânia, GO.
- MAURANO, D. **A transferência: uma viagem rumo ao continente negro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MILLER, J.-A. **Lacan elucidado: palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MORAES, M. K. de. **Considerações sobre o conceito de transferência na contemporaneidade: do Sujeito Suposto Saber ao Inconsciente Real**. 2014. 30 p. Monografia (Especialização em Psicanálise) - Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise – CLIPP, São Paulo.
- OLIVEIRA, L. E. C. de. **Sobre o esquecimento inesquecível da voz do Outro: o objeto voz na psicanálise**. 2017. 180 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PALMER, M. U. **Cor e significação no cinema: produção de sentido no filme - A Invenção de Hugo Cabret, de Martin Scorsese**. 2017. 278 p. Dissertação (Mestrado em m Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). *In*: VI Congresso SOPCOM, abril de 2009.
- PEREIRA, A. L. G. **Confluências entre mitos, literatura e direito em Édipo Rei, de Sófocles**. 2015. 141 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, São Paulo.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. Transferência. *In*: ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 766-770.
- TEIXEIRA, A. M. R. As bodas sintomáticas do obsessivo com a histérica. **Ágora – Estudos em teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 51-61, 2010.
- TIMO, A. L. R. **A teoria da técnica psicanalítica: contratransferência em questão**. Belo Horizonte, MG. 2013. 91 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br> > includes > download>. Acesso em: 17 set. 2018.
- TRINDADE, G.; DIAMANTINO, R. M. Amor de transferência: um estudo de caso baseado em In Treatment. **Cogito**, Salvador, v. 14, p. 49-57, 2013.